

FRANCISCA MARQUES

*Educação comunitária
como prática
de etnomusicologia
aplicada:*





reflexões sobre uma experiência no Recôncavo baiano

N

este texto percorro brevemente as diferentes fases de aplicação e desenvolvimento de um projeto de educação comunitária como prática de etnomusicologia aplicada. O foco da reflexão é a experiência de trabalho do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo), parte integrante da Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo, localizada em Cachoeira, Bahia.

A abordagem do surgimento e desenvolvimento desse projeto educativo será feita em perspectiva histórica, e busca mostrar como o diálogo e os anseios comuns de validação e continuidade dessa proposta foram compartilhados entre seus interlocutores (pesquisadora e comunidade pesquisada). Nós nos “afinamos” e nos superamos. Também alteramos os rumos e perspectivas de atuação local, passando da realização de um projeto de extensão universitária à criação de uma organização não-governamental

FRANCISCA MARQUES
é bolsista do CNPq,
doutoranda em
Antropologia Social pela
USP e coordenadora
do Laboratório de
Etnomusicologia,
Antropologia e Audiovisual
(LEAA/Recôncavo) em
Cachoeira, Recôncavo da
Bahia.

que busca, por meio de parcerias institucionais idôneas, manter e gerir projetos coletivos que garantam sustentabilidade, autonomia e desenvolvimento contínuo para futuras gerações de multiplicadores de conhecimento.

O objetivo central do LEAA/Recôncavo é a formação de pesquisadores, técnicos e educadores entre jovens e adolescentes da comunidade de Cachoeira. Em linhas gerais, nossa atuação compreende o trabalho com pesquisa sobre a música e a cultura do Recôncavo, a introdução de membros da comunidade às práticas de pesquisa e documentação etnográfica e audiovisual e o incentivo à formação de lideranças comunitárias capazes de atuar politicamente pela salvaguarda de bens culturais.

CACHOEIRA, BAHIA

Cachoeira é uma das principais cidades do Recôncavo baiano¹. Sua origem remonta a um povoamento indígena e, posteriormente, a um engenho cujo núcleo populacional viria a ser, em 1693, a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

Durante o período colonial, devido ao tráfico de escravos mantido entre a Bahia e o Daomé, e à expansão das zonas canavieiras e fumageiras e das vilas próximas a Salvador, houve nessa região do Recôncavo uma concentração expressiva de africanos de diferentes nações.

A vila alcançaria grande prosperidade no século XIX em razão da exploração de mão-de-obra escrava, de sua vocação portuária e comercial facilitada pelo transporte fluvial do Rio Paraguaçu até a Bahia de Todos os Santos, e do posicionamento estratégico de Cachoeira como porta de acesso ao sertão e à Chapada Diamantina.

Embora mantivesse prestígio intelectual, político, cultural e econômico até meados do século XX, Cachoeira entrou em lenta decadência devido a uma série de fatores, dentre eles o enfraquecimento do comércio local pela construção de rodovias e o fechamento de seus principais

armazéns de fumo e fábricas de charuto, o que gerou desemprego e, conseqüentemente, a pobreza.

Esse quadro de empobrecimento se mantém praticamente inalterado ainda hoje, de modo a gerar um constante fluxo migratório especialmente de jovens buscando trabalho para outras regiões da Bahia e do Brasil. Embora existam perspectivas de geração de renda pelo turismo cultural, a comunidade não dispõe de infra-estrutura nem planejamento adequado para que ele funcione de fato. A recente criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do *campus* Cachoeira, em 2006, abre possibilidades para transformações futuras neste cenário.

Atualmente, a população cachoeirana, predominantemente afrodescendente, vive em sua maior parte na zona rural e depende da agricultura, da pesca e do comércio de produtos na sede para sobreviver. Já na zona urbana, existe um pequeno comércio ativo, marcadamente impulsionado pela feira livre.

CHEGADA E RETORNOS

Cheguei a Cachoeira pela primeira vez em 2000 em busca de informações sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Aproveitando a oportunidade de uma viagem à Bahia para um trabalho que fazia sobre a Festa de Iemanjá em Salvador, fiz um rápido roteiro que incluía uma visita a Cachoeira. Durante a estadia no local, encontrei um grupo de adolescentes da Escola de Música Irineu Sacramento². Iniciei uma conversa informal com o professor e alguns alunos que ao verem o meu equipamento de áudio pediram que eu os deixasse gravar. Esse foi o começo. Um ano depois, então no mestrado, nossa conversa seria mais profunda e bastante produtiva.

A decisão de introduzir esses jovens no trabalho de campo e na captação sonora vinha de uma inquietação minha que se intensificou quando, em entrevista, perguntei a vários deles como se sentiam fazendo

1 A cidade possui os títulos de "heróica", "histórica" e "monumento nacional".

2 A escola é mantida pela Filarmônica Lyra Cecilianiana.

uma *performance* musical dentro de uma *performance* ritual. Eles entendiam a sua função de “aprender” e “tocar música” e o seu papel como parte do “fazer musical”, mas nunca haviam pensado na sua participação na Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, por exemplo, como atores dentro de um complexo processo ritual. A pergunta gerou dúvida em todos, mas também curiosidade em torno de alguns sobre o que seria o desenvolvimento de uma pesquisa etnomusicológica por eles mesmos.

A partir de então, resolvi explorar o trabalho de campo como um meio propício para interlocução e colaboração com músicos e sambadores. Os primeiros resultados dessa proposta foram apresentados ainda no início dos trabalhos do mestrado durante o 36th International Council for Traditional Music no Rio de Janeiro (Marques, 2001). Na ocasião, falei a respeito da experiência de percepção sonora e práticas de campo e escrita etnográfica desenvolvida com oito alunos de faixa etária entre 14 e 25 anos, todos músicos da Filarmônica Lyra Ceciliana.

Nenhum dos jovens envolvidos no *workshop* Trabalho de Campo e Captação Sonora tinha empreendido qualquer pesquisa de campo e isso me trazia questionamentos como os apontados por Clifford (1998, p. 268) sobre como se definiria um “campo”, e como seria o caso de um daqueles alunos estudar sua própria comunidade, *como essa distância poderia ser negociada e definida ou como essa distância seria entendida*. Esses mesmos questionamentos se estenderam posteriormente, e são pertinentes ainda hoje, e influenciaram na minha decisão de residir em Cachoeira para dar continuidade aos trabalhos iniciados com educação comunitária.

Convidada a morar com a família de Dona Dalva (Samba de Roda Suerdieck), me estabeleci entre os sambadores e a comunidade, e passei a ministrar como atividade de extensão do Laboratório de Etnomusicologia (LE-UFRJ) um curso de Introdução à Pesquisa em Etnomusicologia (Marques, 2002; 2003). O curso se ampliou ao interesse de músicos não só das filarmô-

nicas, mas também ligados ao samba e ao candomblé.

Em princípio, nos reuníamos em uma sala na casa de Luci, sambadora do Samba Suerdieck e filha de Dona Dalva, e, por final, passamos a encontros de duas horas, duas vezes por semana, na Sede da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte para discussões de textos, escuta de fonogramas, programas de rádio e uma coleção de CDs e vídeos, em especial as produções educativas da TVE-Bahia/Irdeb. Ainda em 2001, passei a locar uma casa para abrigar adequadamente as atividades, e os trabalhos se intensificaram.

Paralelamente às atividades em sala de aula, cada um dos alunos começou a desenvolver pesquisa sobre música a partir de um tema de seu interesse. No período de outubro a dezembro de 2001, demos início também a uma série de trabalhos de campo para a documentação das festas religiosas de Cachoeira. Passamos então à formação de um acervo audiovisual. Seria o primeiro momento do que constitui hoje o Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas e o surgimento de um grupo de jovens e adolescentes cachoeiranos interessados na sua formação como pesquisadores em etnomusicologia e cultura popular.

DE PROJETO DE EXTENSÃO A ONG

Em 2003, concluído o mestrado, e de volta a Cachoeira, após uma série de reuniões com sambadores, músicos, professores e artistas, foi fundada a Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo. O objetivo inicial da associação era a formação de um centro de pesquisa e atividades educativas voltadas para a criação e manutenção de um laboratório, um arquivo de som e imagem, biblioteca e museu de instrumentos. Na mesma época, foi criada a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas³.

A partir do ano de sua criação, o LEAA/Recôncavo começou a desenvolver projetos mais consistentes voltados diretamente ao

³ Em 2004, a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas, a Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo e a Associação Cultural Filhos de Nagô fizeram a solicitação do registro do Samba de Roda do Recôncavo no livro das formas de expressão do patrimônio cultural brasileiro ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em 2005, o Samba de Roda foi proclamado “obra-prima e patrimônio imaterial da humanidade” pela Unesco.

Ao lado,
alunos durante
aula de música;
abaixo,
auxiliar de
pesquisa
entrevista
Gayaku Luiza



Francisca Marques

samba de roda e às festas populares de Cachoeira. Também, através de parcerias com a Associação Cultural do Samba, Filarmônica Lyra Ceciliana, grupo de capoeira Raízes dos Orixás e grupo de percussão Odara realizamos durante quatro meses cursos gratuitos de capoeira, feitura de berimbau, toques de candomblé e coreografia do samba de roda.

Em 2004, ingressei no doutorado e o LEAA passou a contar com o apoio do Grupo de Estudos de Som e Música em Antropologia (Soma-USP) para a realização de dois cursos: Pesquisa de Campo e Práticas de Laboratório.

Em 2005, treinados para trabalhar como auxiliares de pesquisa para aplicação do In-

ventário Nacional de Referências Culturais (INRC) na primeira fase do projeto Rotas da Alforria: Trajetórias da População Afrodescendente em Cachoeira, Bahia, realizado pela Coordenação Geral de Pesquisa e Referência (Copedoc/Iphan) e Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan), a equipe do LEAA/Recôncavo empreendeu levantamento bibliográfico e museológico, mapeou as referências culturais de Cachoeira e São Félix e realizou, a partir de questionários baseados no INRC, uma série de entrevistas e documentações audiovisuais sobre as referências culturais (celebrações, formas de expressão, ofícios, edificações e lugares)⁴. O material recolhido foi organizado e sistematizado através do preenchimento de anexos (bibliográfico, museológico, audiovisual, bens culturais inventariados, contatos) e relatórios. Os auxiliares de pesquisa trabalharam também como monitores educativos na Exposição “Cachoeira, Quem É Você?” organizada pelo CNFCP e Copedoc no escritório regional do Iphan em Cachoeira⁵.

Nesse mesmo ano, através da parceria com o Educandário a Jesus por Maria, foi dado início às aulas de cultura popular para crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos. Simultaneamente, em parceria com a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas, começaram os trabalhos de educação musical com o Samba de Roda Mirim. Os sambadores adultos do Samba de Roda Suerdieck passaram a ministrar aulas de cavaquinho, percussão e coreografia do samba de roda na sede da Associação de Pesquisa e do LEAA/Recôncavo⁶.

Em 2006, a Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo e Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas receberam, juntas, o título de Utilidade Pública Municipal da Prefeitura Municipal de Cachoeira pelos serviços prestados à cultura e à comunidade.

Desde a sua criação, o LEAA tem recebido visitas e trabalhado com alunos e pesquisadores de diversas instituições que buscam suporte logístico, técnico e de

Itamaraci Gomes – Projeto Rotas da Alforria - Iphan



4 A equipe foi formada por 14 jovens e adolescentes com idades entre 15 e 23 anos dos ensinos superior, médio e fundamental.

5 A verticalização em bens culturais como a Feira Livre e a Festa de Nossa Senhora da Ajuda foi retomada com a participação dos alunos do LEAA como auxiliares de pesquisa na segunda fase do projeto Rotas da Alforria em 2007.

6 Em 2008 esses projetos continuaram em pleno funcionamento.

peçoal aos seus projetos de pesquisa. Em 2006, a associação de pesquisa firmou um convênio com a Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – Unesp – campus Primavera, para desenvolvimento de projeto conjunto no LEAA/Recôncavo sobre turismo e patrimônio cultural em Cachoeira⁷.

Atualmente, o laboratório dá suporte a um projeto de iniciação científica sobre gênero e *hip-hop* em Cachoeira desenvolvido por uma aluna de relações internacionais no departamento de antropologia da USP⁸. A associação e o LEAA também foram objeto de iniciação científica e atualmente de mestrado no departamento de música da Unicamp (Tygel, 2006). Todo o material recolhido para a realização dessas pesquisas permanece em Cachoeira. Foi acordado entre os pesquisadores e o LEAA que todos os membros da comunidade envolvidos nos projetos receberiam cópias de entrevistas e fotografias em CD ou DVD, e que toda essa documentação seria incorporada como acervo no Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas.

Os resultados desses e outros trabalhos desenvolvidos entre 2001 e 2007 foram apresentados pela equipe do LEAA/Recôncavo no I Simpósio de Identidades Culturais e Religiosidade realizado em Cachoeira em agosto de 2007 pela Fundação Hansen Bahia e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

JOVENS LIDERANÇAS ENTRE MÚSICOS E SAMBADORES

Como resultado do trabalho empreendido e a partir do desenvolvimento dessa metodologia de trabalho educativo, já é possível observar a formação de uma geração de jovens lideranças em atuação na comunidade de Cachoeira. Um exemplo disso é a sambadora Any Manuela Freitas do Nascimento.

Integrante do Samba de Roda Mirim, Any passou a acompanhar as rotinas das



atividades do laboratório e da associação de pesquisa em 2004, e foi se desenvolvendo como auxiliar de pesquisa e educadora, enquanto desenvolvia atividades de estágio sob minha supervisão, direcionadas para o gerenciamento de trabalhos educativos, de produção e projetos para a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas e o Samba de Roda Suerdieck.

Ao mesmo tempo em que hoje se dedica integralmente às questões do samba de roda, recentemente graduada em administração, Any vem se destacando como uma importante liderança regional entre os membros da Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia. Ela mantém seu vínculo com a Associação de Pesquisa e com o LEAA através da participação em projetos e trabalhando com outros jovens na gestão da atual diretoria⁹.

YOUNG DIGITAL CREATORS

O Young Digital Creators (YDC) é um programa multidisciplinar criado por um grupo intercultural de pesquisadores (DigiArts-Unesco) e desenvolvido no formato de *workshops* anuais com duração de dois a quatro meses que reúnem, na Internet, grupos de diferentes partes do mundo. Os trabalhos remetem a uma proposta comum,

Educadores e alunos durante o projeto Young Digital Creators

7 "Patrimônio Cultural e Poder Público Municipal: Diagnósticos dos Atrativos Culturais no Município de Cachoeira, Bahia" foi tema de iniciação científica e monografia da aluna Sabrina Rafaela Baldin (Unesp/LEAA) sob orientação do prof. Rodrigo Guimarães e Francisca Marques.

8 O trabalho vem sendo desenvolvido por Mariana da Veiga, bolsista PIBIC-Santander com a pesquisa de Iniciação Científica com o nome provisório "As Representações de Gênero nos Videoclipes de Hip-hop Norte-americano", orientadora: prof.ª Rose Satiko Gitirana Hikiji (Departamento de Antropologia da USP).

9 É importante salientar que, gradativamente, os cargos de gestão da Associação e do LEAA foram sendo ocupados por jovens músicos e sambadores que fizeram parte do quadro de alunos do projeto de educação comunitária empreendido entre 2001 e 2003.

porém, são desenvolvidos localmente, dentro do contexto dos participantes, através do uso de tecnologias e apostando no diálogo e nas trocas entre os participantes por meio de plataformas virtuais.

Esses *workshops* tratam de temáticas de destaque na atualidade e combinam diferentes formas de expressão artística com o uso de ferramentas digitais. Dentre os temas abordados nos projetos estão a importância da água (“The sound of our water”), a problemática do HIV e Aids (“Youth creating and communicating on HIV and Aids”) e a urbanidade (“Scenes and sounds of my city”).

Entre 2004 e 2007, a equipe do LEAA/Recôncavo participou de uma série desses *workshops*. O primeiro projeto foi realizado em 2004 e reuniu membros de quatro instituições de três diferentes localidades (Cachoeira, LEAA, Camaçari, Cedesc e Escola de Música Didá e Grupo de Rádio Arte de Salvador).

Em o “O som da nossa água” trabalhamos a conscientização dos alunos e da comunidade para o uso adequado e a preservação dos recursos hídricos através de atividades educativas e fazendo música ou peças sonoras utilizando sons de água.

Nas duas sessões do projeto, em 2004 e 2007, foram feitos encontros e debates sobre temáticas relacionadas ao meio ambiente em nível global e local focalizando sobretudo a ecologia sonora, a reciclagem, as formas de preservação da água e o aquecimento global. Além das atividades em sala (aulas de meio ambiente e música), os alunos tiveram experiências em laboratório: exercícios de percepção, criação e edição de sons. Esses exercícios foram complementados por trabalhos de campo com visitação a lugares, práticas de entrevista e captação de paisagens sonoras.

Os sons recolhidos em campo e produzidos em laboratório foram digitalizados e transformados em *samples* para alimentar uma galeria *online* onde podem ser baixados para a produção de peças ou músicas pelos demais participantes da comunidade virtual do YDC Unesco. Na primeira sessão, em 2004, utilizamos apenas percussão e

voz para a experimentação e produção de várias pequenas peças sonoras; em 2007, os educadores e os alunos produziram duas músicas e uma peça¹⁰.

Os educadores do LEAA/Recôncavo nos projetos do YDC Unesco são colaboradores voluntários. Eles são também estudantes no ensino médio, superior e pós-graduação nas áreas de antropologia, música, educação, relações internacionais, teatro, audiovisual, turismo e administração. Parte desses educadores foi aluna em sessões anteriores do YDC Unesco. Esses projetos, portanto, propiciam um ciclo completo de envolvimento de estudantes de todos os níveis para uma aprendizagem coletiva em que diferentes gerações ampliam, multiplicam e renovam juntos os seus conhecimentos.

O fazer musical ou a composição de peças sonoras é um trabalho recorrente também nos programas que envolvem urbanidade e os estudos das cidades. Nesses trabalhos, utilizamos a nossa experiência



10 http://unesco.uiah.fi/water/pieces/results?get_regions=Latin%20America%20and%20the%20Caribbean

de inventariar referências culturais e demos prioridade para que os adolescentes fizessem trabalho de campo e tivessem contato com mestres da cultura popular durante entrevistas e comunicações. Enquanto tomavam contato com a realidade das suas cidades, os alunos desenvolveram técnicas em entrevistas, audiovisual e multimeios, o que lhes traz perspectivas profissionais em áreas afins à etnomusicologia.

O resultado do trabalho de todos os grupos teve o formato de uma apresentação multimídia disponibilizada na plataforma do projeto Scenes and Sounds of my City¹¹. Desde 2006, a equipe do LEAA tem documentado todo o processo de realização desses projetos e disponibilizado na internet fotos e vídeos que sintetizam essas experiências¹².

O Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo) foi duas vezes premiado pela sua participação no YDC Unesco. Em 2006, o trabalho foi apresentado no International

Symposium of Eletronic Arts em San Jose, Califórnia, e um sambador mirim foi aos Estados Unidos representando o Brasil como embaixador mundial da Juventude. Ele e outros adolescentes de diferentes países participaram de uma série de vivências e *workshops* de artes digitais. Em 2007, os trabalhos do LEAA representaram o YDC-DigiArts Unesco na II Bienal de Sharjah, Emirados Árabes.

Ainda em 2007, o YDC-Unesco considerou que a metodologia e prática educativa do LEAA/Recôncavo é funcional, e que seus procedimentos podem ser readaptados a qualquer contexto e localidade. Assim, da parceria entre LEAA/YDC Unesco foi produzida uma cartilha prática para educadores visando à aplicação e ao desenvolvimento dos projetos do Young Digital Creators e que deve ser distribuída no primeiro semestre de 2008 para 75 países (Marques & Veiga, 2008).

CONCLUSÃO

Embora a etnomusicologia aplicada venha sendo discutida desde os anos 60, apenas recentemente tem sido acessível uma literatura ou sistematização de conceitos e idéias em torno de algumas práticas educativas no Brasil. Trabalhos como os de Marques (2003), Cambria (2004), Araújo (2006) e Tygel (2006) mostram que existem outras formas de desenvolver pesquisas através de metodologias participativas não apenas centradas no interesse do pesquisador (observação participante), mas de ação e resultados que sejam de colaboração mútua e que tragam benefícios para as comunidades estudadas.

Não me parece que a etnomusicologia aplicada seja um campo que presume uma separação entre teoria e prática, porém, existe um academicismo de exclusão de alguns projetos que parece estabelecer limites para o que seria uma “pesquisa válida”. São também raros os recursos de investimento em projetos em áreas periféricas como o Recôncavo. Invariavelmente,



¹¹ Os trabalhos podem ser acessados em <http://unesco.sjsu.edu/gallery/060623/LEAA/index.html>; e <http://unesco.sjsu.edu/gallery/070123/MARQUESJABAR/index.html>

¹² Ver: <http://www.youtube.com/LEAA7>; e <http://leaa-reconcavo.fotoblog.uol.com.br/index.html>

o tempo de esperar apoio financeiro ou institucional é o mesmo que se gasta na realização qualitativa de projetos de educação comunitária mesmo com recursos muito limitados.

Freire (1979; 1986; 1998; 2001) enfatiza nas práticas educativas liberdade e maior comprometimento e ousadia no cotidiano do educador/pesquisador para metodologias dialógicas e de *empowerment*. Ao mesmo tempo, para ele, existe também uma relação sensível entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança de que educadores e alunos “juntos podemos

aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria”.

Esse pensar em comum em torno de uma relação de autêntico diálogo é tarefa de sujeitos, não de objetos. Essas relações que se tecem socialmente e se articulam entre políticas de ação e educação comunitária exigem enfrentamento e desafios enormes para os pesquisadores/educadores e as comunidades, mas elas podem ser vividas e os desafios superados dentro do processo educativo de forma possível, igualitária e criativa.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Samuel. “A Violência como Conceito na Pesquisa Musical; Reflexões sobre uma Experiência Dialógica na Maré, Rio de Janeiro”, in *Revista Transcultural de Música Transcultural Music Review*, 10, 2006.
- CAMBRIA, Vincenzo. “Etnomusicologia Aplicada e ‘Pesquisa Ação Participativa’. Reflexões Teóricas Iniciais para uma Experiência de Pesquisa Comunitária o Rio de Janeiro”, in *Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular*, 2004. Disponível em: www.unirio.br/mpb/iaspmla2004/Anais2004/VincenzoCambria.pdf
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.
- _____. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.
- MARQUES, Francisca & VEIGA, Mariana. *Being Young Digital Creators: a Practical Booklet for Educators. Complementary Guide to the YDC Educators’s Kit*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco), First Edition, CLT/CEI/2008/PI/44, 2008.
- MARQUES, Francisca. *Samba de Roda em Cachoeira, Bahia: uma Abordagem Etnomusicológica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação, Escola de Música, UFRJ, 2003.
- _____. “Ethnomusicological Research and Communitarian Demands; an Experience in Cachoeira, Bahia”. Abstracts *ICTM 36th World Conference*. Rio de Janeiro, Brazil, July 4-11, 2001. p. 65.
- _____. “Educação Comunitária e Etnomusicologia: a Colaboração Participativa e o Desenvolvimento Docente do Pesquisador Através do Trabalho de Campo”, in *Anais do III Colóquio de Pesquisa da Pós-Graduação da Escola de Música da UFRJ*, 20/03/2002, p. 219.
- TYGEL, Julia. *Etnomusicologia Aplicada: uma Reflexão Crítica sobre as Metodologias de Dois Projetos de Pesquisa e Ação*. Instituto de Artes, Unicamp, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp, 2006.
-